



8º CIAP
ABAP 50 ANOS
Raízes e Horizontes de uma trajetória
de ação pelas paisagens brasileiras

Corpos socioespaciais enquanto lugares livres

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO BIOFÍSICA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

Dandara Melo Correia
Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: dandara.correia@fau.ufrj.br

Roseline Vanessa Santos Oliveira
Universidade Federal de Alagoas
E-mail: roseline@fau.ufal.br

Manuela Miranda Vasconcelos Viana
Universidade Federal de Alagoas
E-mail: manuela.viana@fau.ufal.br

Tuanne Monteiro de Carvalho
Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: tuanne.carvalho@fau.ufrj.br

RESUMO

O artigo trata da importância dos espaços livres públicos como alternativa à mecanização da vida urbana, destacando o protagonismo do corpo humano na espontaneidade de suas apropriações. Uma problematização do contexto contemporâneo e a interpretação empírica de dinâmicas socioespaciais em Maceió-AL apontaram a ressignificação de componentes urbanos para lazer, socialização e expressão lúdica, reconhecendo em praças, calçadas, ruas e equipamentos possibilidades de convivência criativa. Essa dinâmica revela a pertinência em se considerar a dimensão afetiva, subjetiva e imprevisível do espaço preconcebido, reforçando conceitos de cidades brincáveis, em prol da autonomia de apropriação espacial e da potencialização da experiência cotidiana ao ar livre. Tais conteúdos se mostram essenciais na promoção de relações saudáveis de sociabilidade e bem-estar coletivo, estimulando a reconfiguração de velhos e novos paradigmas de ações regulamentadoras de planejamento urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços livres públicos; brincar; apropriações.

ABSTRACT

The present article explores the significance of free public spaces as an alternative to the standardisation of urban life, highlighting the human body's role in their spontaneous appropriation. A critical examination of the contemporary context and an empirical interpretation of socio-spatial dynamics in Maceió-AL revealed a re-signification of urban components for leisure, socialisation, and playful expression. This re-signification acknowledges the latent potential inherent within urban landscapes, including squares, sidewalks, streets, and urban infrastructure, to foster creative coexistence. This dynamic illustrates the necessity of considering the affective, subjective, and unpredictable dimensions of preconceived space. This approach is underpinned by the concept of playful cities, which aims to promote autonomy in spatial appropriation and enhance the daily outdoor experience. The dissemination of such content is of crucial importance in fostering healthy relationships, sociability, and collective



well-being, as well as for reconfiguring existing and emerging paradigms in urban planning regulatory actions.

KEYWORDS: Open public spaces; to play; appropriations.

1 ESPAÇOS COMUNS PARA LIBERDADE

Em um contexto sociocultural balizado por cobranças excessivas por produção (Han, 2015), relações voláteis (Bauman, 2004) e a consequente mecanização comportamental (Arenhart, 2016), a rotina que construímos, e a que somos submetidos a construir, tem, cada vez mais, nos impedido de apreciar inúmeras e variadas dinâmicas que participam do nosso dia a dia. Seguimos e repetimos inquestionavelmente padrões de comportamento e pensamento, tornando as nossas cosmovisões um tanto restritas (Saramago, 2001).

Contudo, as formas de interpretar o mundo não são estáticas, muito das composições cotidianas vão sendo reconhecidas ao longo da própria vivência, algumas adormecem, são despertadas ou esquecidas, outras passam despercebidas por toda uma vida, enfim, a subjetividade percorre múltiplos caminhos em seu processo de concepção. Além disso, quando vivemos as práticas, as mais consolidadas que sejam, elas são outras, se movem e são movidas por diferentes velocidades, impulsos e interferências, mesmo que imperceptivelmente (Derrida, 1971).

[...] forma de flertar com a complexidade que constitui a singularidade para além do particular e aquém do geral. Subjetivar nos serve de desvio do imperativo de identidade: exigência daquilo que é idêntico a si desviado pelo rio heraclítico que impede o estancar do mundo em formas ou substâncias reificadas. [...] Subjetivar é esta trama desejante que compõe ao mundo em seus diversos agenciamentos, mundos afirmados em um perspectivismo forte: que não pensa a perspectiva enquanto visão parcial subjetiva, mas sim como uma afirmação criadora de mundos (Fonseca; Costa, 2012, p. 217-219).

A noção de paisagem em si, como um palimpsesto de sucessivas construções, sobreposições e desconstruções a partir das manifestações humanas, sejam elas expressões materiais ou imateriais (da Silva; Oliveira; Mota, 2008). Uma perspectiva refletida a partir de Augustin Berque (1998), que prioriza o aspecto relacional da paisagem, no qual a existência do espaço está condicionada ao seu vínculo com o corpo social, entidade que não apenas o gera, mas também o preserva e o remodela. Ao longo dos anos, o conceito de paisagem fundamenta investigações sobre variações culturais e socioespaciais; nesse sentido, Matthew Gandy (2016, p. 433) argumenta que o termo suscita reflexões abrangentes sobre as "ambiguidades, complexidades e multiplicidades" intrínsecas ao tecido urbano.

Mudanças na macro e microescala, como de hábitos e de ares, dão margem para o contato com a diferença, estimulando a comparação e favorecendo, de certa forma, a constatação de outros conteúdos, nem que seja no sentido de um aprofundamento sobre o que já se conhecia ou, ao menos, se reparava. Nesse sentido, lembramos a



chamada Síndrome da Fadiga Informacional (uma doença mental causada por exposição excessiva à informação e que resulta na dificuldade de discernir sobre elas), potencializada pela Pandemia da Covid-19 a qual, por meses, constrangeu a vida urbana e restringiu as relações humanas ao ambiente privado e virtual.

Cada vez mais a internet tem assumido o lugar que as cidades ocuparam historicamente, ao aglutinar pessoas, relações e interações, sobretudo para a troca de trabalho excedente. Ocorre, como lembra Lefebvre, que as cidades projetam a sociedade sobre o terreno, enquanto a internet a projeta a partir de uma interação não presentificada (Faustino & Lippold, 2023, p. 153).

Tratam-se de marcos sociais recentes que reforçaram a importância da casa enquanto refúgio seguro e saudável (Oliveira & Gudina, 2020), como também destacaram com veemência o valor do acesso ao espaço sem telas portáteis e sem paredes, das possibilidades de trocas entre subjetividades e das conexões que a vida ao ar livre oferece (Gehl, 2020; Oliveira & Gudina, 2021).

Em meio a essas reflexões, este estudo parte da crítica a um contexto da vida urbana contemporânea, marcado por um ambiente sociocultural de cobranças, produtividades excessivas e relações voláteis, abordando espaços livres públicos da cidade de Maceió-AL. Trata-se de uma leitura empírica de dinâmicas socioespaciais balizada por um conceito de paisagem enquanto aquilo que dá relevo particularmente aos processos de identificação humana e social com o espaço e que abarca, nesse caso, o gesto urbano em várias dimensões, desde expressões físicas até aspectos relativos a hábitos e costumes vinculados ao cotidiano, contribuindo para uma compreensão ampliada e sutil sobre ele.

A ideia foi a de reconhecer o que se pressupõe como importante considerar a dimensão afetiva, subjetiva e imprevisível do espaço previamente concebido, observando de que forma ele convida e como seus usuários se relacionam entre si e com a paisagem da qual eles mesmos constroem e participam.

2 PAISAGEM, CORPO E MOVIMENTO

Os espaços pensados das cidades encorajam que os movimentos dos corpos sigam funções mecânicas, previsíveis e utilitárias, que reforçam o sistema capitalista. Contudo, entende-se que as dinâmicas do acontecer, assim como a paisagem, têm motivações subjetivas que o corpo (o qual aqui nos referimos ao humano) formula e carrega, e que esse encontra brechas na rotina para exercer a criatividade própria de se estar vivo. Ela se expressa explicitamente na dimensão do corpo das crianças que faz a rua virar campinho, a árvore virar balanço, a ladeira virar montanha, entre outros (Viana, 2022).

Embora a palavra brincar esteja popular e intimamente ligada à infância, o brincar pode e deve ser associado a todas as faixas etárias, como meio de distração e recreação essenciais às necessidades humanas (Correia, 2024). O brincar é uma fuga da vida cotidiana, unindo o mundo sério e seus escapes (Maia, 2012). O brincar



também é uma forma de produzir cultura, transformando os espaços e os significados que lhes são atribuídos. O brincar apresenta-se, então, como uma experiência criativa que, ao nos apresentar outras possibilidades de existência, leva-nos a questionar e intervir no mundo que habitamos (Viana, 2022).

Esse tipo de transgressão se dá mesmo dentro da formalidade mecânica do trabalho que subordina o corpo adulto, como equilibrar-se em um meio-fio e tatear a grade de um muro enquanto se caminha, por exemplo. Consistem em gestos desprezíveis com impactos marcantes na percepção e compreensão da vida cotidiana, e que, por isso, têm inspirado a difusão de ações que reestruturaram atmosferas urbanas, como os *Flash Mobs*, *Land Art* e outras instalações de cunho artístico e interativo no intuito de promover deslocamentos dos hábitos e, com isso, outras formas de ver o mundo. O que dizer das gangorras instaladas no eixo de um trecho do muro que define a fronteira entre Estados Unidos e México (Nogueira & Oliveira, 2021)?

Esses movimentos enfatizam que a dimensão espacial da paisagem em sua configuração física está sujeita a ser inesperadamente apropriada, ou seja, de uma forma que, muitas vezes, o seu projeto não previu e que os situacionistas tanto incentivavam enquanto postura crítica diante do imposto (Jacques, 2001, 2003).

Tais dinâmicas ditas inesperadas confirmam a existência de uma outra função humana, além de *Homo sapiens* (o homem que sabe) e *Homo faber* (o homem que faz e fabrica), ditadas pelo trabalho, como sugerem as cenas da grade e do meio-fio acima. Trata-se do *Homo Ludens* (o homem que brinca) (Huizinga, 2000), que tem inspirado o conceito de cidades brincáveis e amáveis (Cidade Ativa, 2017), em que a apropriação espacial não constitui:

[...] uma mera reprodução de um modo de vida individualizado, mas que proporcione possibilidades para viver o lúdico e as dimensões que a ele se relacionam: o jogo, a festa, a brincadeira, o riso, o encontro, o à toa, o prazer, a preguiça, a imaginação e o sonho (Arenhart, 2016, p. 117).

Essa natureza lúdica dos corpos tende a romper com a dinâmica cotidiana utilitária, subvertendo os espaços, as funções e os tempos. O lúdico faz parte da dimensão humana e o brincar é a ação pela qual aprendemos a nos colocar no espaço. Os gestos e os movimentos potencializados pelo brincar nos permitem criar vínculos com a paisagem e construir formas autônomas e próprias de agir. Nesse sentido, a experiência lúdica e a potencialização do brincar são parâmetros que deveriam estar entre aqueles que atualmente mobilizamos para construir e habitar as cidades.

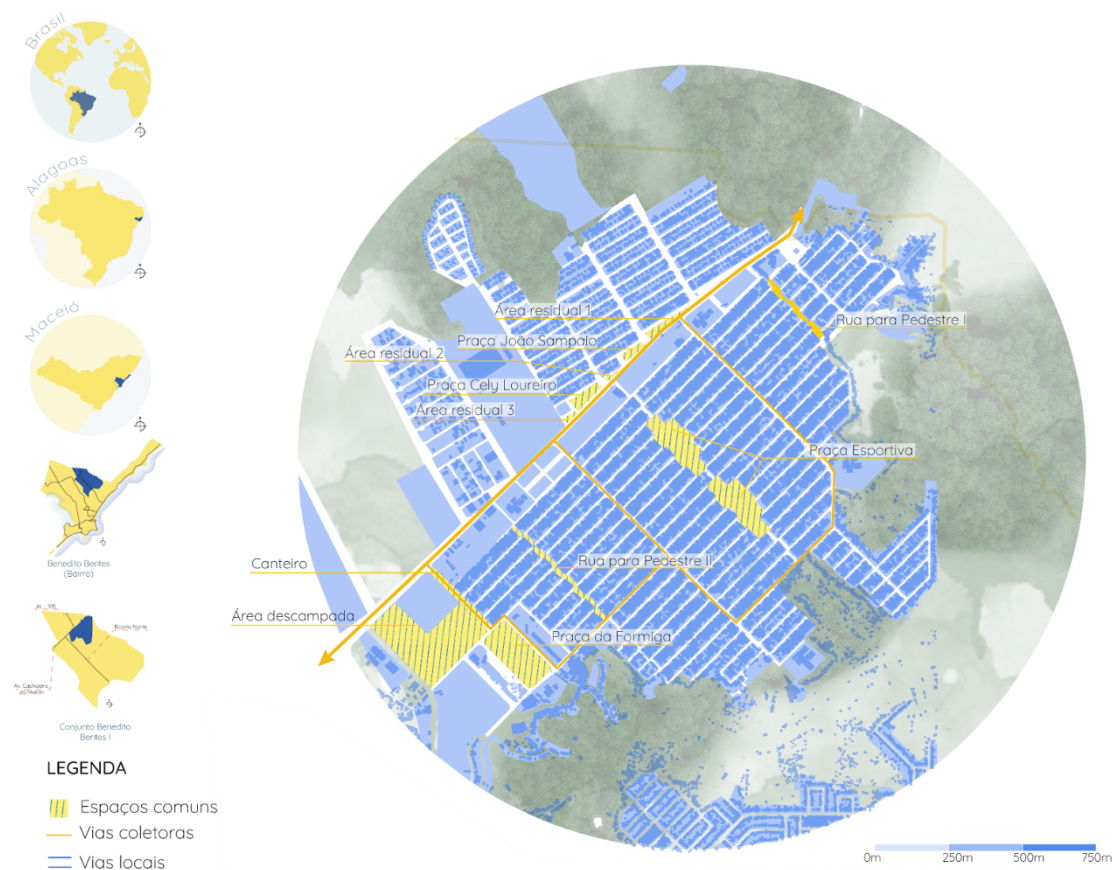
2.1 Um lugar chamado Benedito Bentes I

Para aprofundar a discussão, elegemos como foco de observação empírica espaços livres públicos que compõem o conjunto habitacional Benedito Bentes I, situado no bairro homônimo, na cidade de Maceió. O conjunto habitacional foi projetado pelo arquiteto e urbanista Acácio Gil Borsoi, em parceria com a Companhia de Habitação

Popular de Alagoas (COHAB)¹. Diferente de outros conjuntos habitacionais dos anos 1980, este carrega um teor de inovação para a época, compondo seu zoneamento prévio com espaços voltados à dinâmica de lazer e mobilidade da população, desde praças, chicanes e ruas para pedestres, mas, também, previsões de modificações de uso futuras pelos moradores (Correia, 2024).

O conjunto residencial, entregue em 1986, seguiu em sua maior parte as diretrizes projetuais citadas; entretanto, as áreas voltadas ao lazer não foram em sua totalidade, de fato, construídas, deixando espaços livres não edificados, que, com o tempo, foram sendo ocupados, apropriados e intervistos pelos próprios moradores diante de suas necessidades do brincar. Inicialmente, o conjunto contava com três grandes áreas voltadas ao lazer, correspondentes a 4% da área total do conjunto, sendo elas Praça Pe. Cícero (popularmente chamada de Praça da Formiga) e área esportiva trecho 1 e 2 (Figura 1).

Figura 1: Mapa de localização e espaços livres públicos do Conjunto Benedito Bentes I, Maceió-AL



¹ O projeto do conjunto foi financiado pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) e as obras de sua construção do referido conjunto foram iniciadas em 1984 e entregues em 1986. A área de gleba projetual consistia em, aproximadamente, 162 ha, 74% dessa parcela destinada a habitações e 22,30% a áreas públicas, segundo a Companhia Alagoana de Recursos Humanos e Patrimoniais (CARHP) (Costa, 2008).

A Praça da Formiga, tendo localização estratégica em relação ao bairro, fica localizada ao lado do terminal de integração e próxima a escolas e creches municipais, feira de alimentos, restaurante popular e posto de saúde. Com o tempo, não só exercia importante papel para a dinamicidade do conjunto Benedito Bentes I, como também dos demais conjuntos e loteamentos que foram sendo implantados em sua adjacência. Já as praças esportivas previstas no projeto só foram ter intervenção pública no ano de 2024, recentemente inaugurado “Parque Linear Benedito Bentes”.

Além da praça esportiva, outros terrenos não edificadas, com seus usos previstos para equipamentos públicos e não concretizados, atuam como espaços para atividades livres. Nos quais cuidadores levam suas crianças para se divertir, adultos e idosos praticam atividades físicas, local de encontro e troca de jovens, ambulantes aproveitam a oportunidade para monetizar com seus negócios (Correia, 2020). Cada faixa etária cria sua própria forma de brincar. Ali, o lugar sugere seus usuários a interagirem com o espaço de forma criativa e respondendo a suas necessidades.

É comum calçadas serem ocupadas no horário da tarde e à noite com vizinhos sentados em suas cadeiras de plástico; crianças utilizando dos recuos das chicanes como suas quadras particulares e seus calçados usados como traves; as ruas de pedestre ocupadas por moradores com suas cadeiras a jogar dominó, dama ou bebendo, no fim da tarde; estudantes se reunindo debaixo das árvores após as aulas; senhores marcando presença diária no local que um dia foi um coreto para observar o movimento; idas em grupo à praça padre Cícero [...]; caminhadas ao fim do dia; futebol, futsal, vôlei e basquete nas quadras deterioradas; além das circulações peatonais muito presente [...] (Correia, 2024, p. 72).

Quando nos propomos a observar com mais vagar movimentos que envolvem determinados espaços públicos, muitos conteúdos emergem. Podemos iniciar as menções tratando do próprio espaço que não se mexe. Os registros fotográficos nos permitem notar que a apropriação do artifício denota outras funções que se desviam das intenções de seu projeto. O meio-fio serviu para sentar, a rua serviu de quadra esportiva (Figura 2), a calçada serviu de praça, o descampado como pista de dança (Figura 3), e assim o espaço livre público se altera a cada dia e a cada novo movimento.

É importante ressaltar que apesar de não contemplados nas legislações, os ‘desenhos do chão’ das áreas livres atuam como indutores das características do espaço urbano no qual estão inseridos, podendo potencializar as dinâmicas das atividades dentro dos lotes e edificações (Carvalho, 2021, p. 184).

Figura 2: Estudantes jogando queimado às 7h da manhã



Fonte: Dandara Melo Correia, 2024.

Figura 3: Grupo de meninas jogando bola e grupo de meninas dançando funk



Fonte: Dandara Melo Correia, 2022.

Também foi notado que, diferentemente dos componentes projetuais, os quais comumente são executados em espaços públicos, sejam em centralidades ou periferias, é possível conferir um aspecto de imprevisibilidade ao próprio artifício, como



vemos na dinâmica que envolve a “Fita” (Figura 4), mobiliário instalado na antiga praça Pe. Cícero (Praça da Formiga).

“Fita” é como estamos denominando um dos elementos propostos no “Parque da Criança”, um projeto de intervenção urbanística desenvolvido pela gestão pública municipal em 2021. O programa do projeto conta, além da implantação de um grande parquinho infantil, com a reforma da pista de skate, a criação de uma ciclovia, uma pista de corrida, um espaço para eventos e uma praça de alimentação. Concebida para ser o elemento estruturante do parquinho infantil, a fita, com mais de 80 metros de comprimento linear, estaria integrada a outros artefatos infantis, como bancos, balanços, escorregadores e gangorras. No final de 2023, a fita foi um dos primeiros elementos inseridos na reforma dos cerca de 25 mil metros quadrados da praça, que, até julho de 2025, não foi completamente finalizada.

Apesar da intervenção não estar finalizada, a estrutura rígida e forma abstrata da fita de fibra de vidro passou a permitir uma variação de usos na praça. Vale ressaltar que, embora o “parque” tenha o foco na infância, a fita provoca não só os cuidadores a participarem das brincadeiras, mas também adolescentes e jovens adultos. Ela funciona como banco, mesa, bicicletário, batente, marquise, bancada, degrau e parede para escalada, entre outras funções que, embora não definíveis terminologicamente, são reveladas pelo gesto do corpo humano (subir, descer, sentar, escalar, encostar, escorar...). Assim como observado nas demais áreas livres do bairro, a fita também sugere a apropriação a partir do inacabado: o que seria o “esqueleto” de uma obra não concluída transforma-se em um elemento de liberdade e invenção. Essa flexibilidade confere um teor democrático à fita, permitindo uma apropriação simultânea por corpos de diferentes faixas etárias.

Figura 4: Sequência de usos espontâneos e inesperados na fita



Fotografia: Dandara Melo Correia, 2023.

Vale ressaltar que, a julgar pelas cenas observadas e aqui registradas imagetivamente, não apenas o terreno plano e seu vazio generoso, os artifícios e a criatividade dos corpos humanos estimulam apropriações múltiplas, mas como



também o céu desobstruído de artifícios parece dar um importante peso ao sentido do espaço ser livre que a experiência pública descontraída parece requerer... “O espaço não é apenas superfície, o espaço pode ser o céu, onde as aves permeiam, onde as nuvens flutuam; o espaço pode ser a internet, onde as pessoas se conectam; e até o metaverso, onde há o encontro e o movimento; o espaço pode ser o aqui” (Correia, 2024, p. 33).

3 POR ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA ATIVA

Para além da descrição dos corpos artificiais e dos movimentos dos quais eles participam juntamente com os corpos humanos, cabe considerar também o que e quem são esses corpos. O bairro é configurado por uma população de baixa renda, com infraestrutura de lazer destinada aos moradores locais, os quais convivem com diversas questões de vulnerabilidade urbana, como pobreza, distanciamento das centralidades mais favorecidas da cidade, segregação espacial, mobilidade urbana precária, déficit habitacional e outros (Correia, 2024).

É certo que o desenho do bairro foi elaborado com determinadas sutilezas distintas da grande maioria desses tipos de projeto. Entretanto, o que se quer destacar é que o contexto sociocultural do enquadramento observado nos remete a uma informalidade que a regulamentação projetual pouco considera, sejam em velhas ou novas propostas urbanísticas, o que inibe as possibilidades de uma autonomia de apropriação, como os Situacionistas há tempos nos apontaram protestando em prol de um meio urbano enquanto “terreno de ação, de produção de novas formas de intervenção e de luta contra a monotonia, ou ausência de paixão, da vida cotidiana moderna” (Jacques, 2003, p. 13).

Cabe dizer também que mesmo em meio ao contexto contemporâneo marcado por um processo cada vez mais exacerbado de, ao mesmo tempo, espetacularização e privatização da vida urbana, a história da cidade e as próprias cidades revelam que já tivemos sucesso na produção arquitetônica (e ainda temos, considerando a atual vitalidade social desses espaços), voltada para uma certa liberdade de uso, como bem nos mostra a marquise do Parque do Ibirapuera, na cidade de São Paulo. Projetada por Oscar Niemeyer e construída em 1954, com cerca de seiscentos metros de comprimento e largura variando entre quinze e oitenta metros, a marquise configura-se como um generoso espaço plano e coberto, cujo vazio permite sua ocupação por múltiplos usos, de piquenique a pista de skate... Nesse sentido podemos citar também o projeto de Lina Bo Bardi para o Museu de Arte de São Paulo, de 1956. Nele ela suspende o vão em formato de caixa, construindo um vazio coberto no piso térreo para deixar livre o acesso de transeuntes e instalações temporárias. Essas obras constituem exemplos paradigmáticos de projeto de vazios habitáveis que se abrem para a possibilidade, para a imprevisibilidade de apropriação...

Assim, relativamente às intenções deste artigo, acreditamos que essa perspectiva, que demanda essencialmente o envolvimento dos corpos, pode deslocar consideravelmente o ato de pensar o projeto e, em especial, aqueles de iniciativas de gestão pública, bem como o significado e desígnios dos próprios elementos que o

compõem, sejam eles fixos, fluidos, pragmáticos, subjetivos, etc. Isso porque, a julgar pelo exposto, parecem ser as relações informais de apropriação a gerarem afetividades que garantem ao espaço uma liberdade de uso e apropriação (Figura 5). Com isso, um caráter de identificação que estimula um bem-estar humano bem diferente daquele movido pelas demandas utilitárias do dia a dia.

Figura 5: Skatista com carrinho de bebê



Fotografia: João Marcelo Cruz, 2014.

O que se percebe é que a experiência de habitar o espaço tem um papel didático tanto no que se refere à formação de um vocabulário corporal quanto à consciência de paisagem, ou seja, à estimulação de posturas críticas diante de se estar no mundo, acompanhando conceitos como cidades brincáveis e amáveis, decrescimento e envolvimento urbanos, os quais balizam iniciativas mundiais voltadas para o bem-estar socioespacial e que, assim, podem efetivamente reverter o panorama dos tempos recentes que Han, Bauman, Arenhart e Saramago reconheceram, e potencializar a arte que a imprevisibilidade e criatividade da “estética da ginga” demonstrou (Jacques, 2001).

REFERÊNCIAS

ARENHART, D. **Culturas infantis e desigualdades sociais**. Vozes, 2016.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Zorge Zahar Editor, 2004.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: Corrêa, R. Lobato e Rozendahl, Z. Paisagem Tempo e Cultura, Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.

CIDADE ATIVA. Cidades ativas são cidades para o brincar. **ArchDaily Brasil**, 28 ago. 2017. Disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/878590/cidades-ativas-sao-cidades-para-o-brincar>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CARVALHO, T. M. **Por entre as brechas de desenhos urbanos para o centro de Maceió-AL**. 2021. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Repositório Institucional da Ufal. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/9180>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CORREIA, D. **Espaços do Livre Brincar**: um estudo das formas de apropriação de praças situadas no bairro do Benedito Bentes (Maceió-AL). 2024. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Repositório Institucional da Ufal. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/15577>. Acesso em: 19 jun. 2025.

COSTA, S. P. B. M. **Análise das qualidades ambientais em conjuntos habitacionais de interesse social**: o caso do Conjunto Benedito Bentes I, no bairro do Benedito Bentes na cidade de Maceió, Alagoas. 2008. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

DA SILVA, M. A.; OLIVEIRA, R.; MOTA, M. Gestos humanos, gestos urbanos: memórias cotidianas da paisagem colonial alagoana. Paisagem e Ambiente, n. 24, p. 355-362, 2007.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. Perspectiva, 1971.

FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. A hiperconectividade psicopolítica e a deficiência de conexão: “cada qual na sua solidão”. In: FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. Boitempo Editorial, 2023. p. 152-164.

FONSECA, T. M. G.; COSTA, L. A. Subjetivar. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Sulina, 2012.

GANDY, Matthew. Unintentional landscapes. Landscape Research, v. 41, n. 4, p.433-440, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01426397.2016.1156069>. Acesso em: 10 mai. 2025.

GEHL, J. **Public space and public life during Covid 19**. Gehl Institute, 2020. Disponível em: <https://covid19.gehlpeople.com/lockdown>. Acesso em: 19 jun. 2025.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Vozes, 2015.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento na cultura. Perspectiva, 2008. (Trabalho original publicado em 1938).

JACQUES, P. B. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Casa da Palavra, 2001.

JACQUES, P. B. **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional Situacionista. Casa da Palavra, 2003.

MAIA, J. F. **Brincar na rua: desenhar (no) espaço público**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/80380>. Acesso em: 19 jun. 2025.

NOGUEIRA, F. H. S.; OLIVEIRA, R. Entre o atual e o virtual: experiências de (re)conhecer a cidade. In: FIDALGO, P. (Coord.). **Dinâmicas da paisagem: entre a realidade e o desejo**. HTC - História, Territórios, Comunidades; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2021. p. 45-61.

OLIVEIRA, R.; GUDINA, A. Fique em casa e lave suas mãos: notas sobre a cidade do não-circular. **Arquitextos**, 2020. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.239/7701>. Acesso em: 19 jun. 2025.

OLIVEIRA, R.; GUDINA, A. O ar que habitamos. In: DIAS, J.; OLIVEIRA, R. (Orgs.). **Corpo, casa, cidade e tempos de pandemia**. Edufal, 2021. Disponível em: <https://www.edufal.com.br/Produtos/Detalhes/494286>. Acesso em: 19 jun. 2025.

VIANA, M. M. V. **CRIANÇA_CORPO_CIDADE: olhares para a experiência infantil na cidade de Maceió-AL**. 2022. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Repositório Institucional da Ufal. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jsui/handle/123456789/11398>. Acesso em: 19 jun. 2025.

Bibliografia consultada

JARDIM, J.; CARVALHO, W. (Diretores). **Janela da Alma** [Filme]. Produtora Tambellini Filmes e Produções Audiovisuais LTDA; Dueto Filmes; Estúdios Mega; Tibet, 2001.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. Companhia das Letras, 2020.